

Mss. Amor de Perdição: um afecto antigo

*Maria Luísa Cabral**

1. Um pouco de história à laia de introdução

A Biblioteca Nacional de Portugal tem vindo, ao longo destes últimos dez anos, a afirmar-se como oficina de confiança em matéria de intervenções de conservação e restauro. Não há propriamente ninguém que possa ser destacado nesta evolução dum oficina virada para dentro, a servir unicamente a instituição mãe, para uma oficina reconhecida quer no país quer internacionalmente. A única coisa que podemos, e devemos sublinhar é que esse reconhecimento vem depois de muito trabalho dedicado, isento dum espírito de competição. O grande objectivo foi, e ainda é, desenvolver um trabalho regular, segundo os mais exigentes padrões internacionais, sempre atento à investigação em curso noutros centros com melhores e maiores recursos financeiros e humanos que a Biblioteca Nacional sempre convencidos que a dimensão e o afastamento dos grandes centros não nos deveria impedir de trabalhar com qualidade. Desde 1997 que a orientação tem sido esta e, por isso, aceitar encomendas como esta do Real Gabinete Português de Leitura nos deu enorme satisfação.

Com regularidade as Oficinas de Conservação e Restauro da Biblioteca Nacional de Portugal vão trabalhando para muitas outras instituições, públicas ou privadas. Regra geral, são abordadas por colegas ansiosos responsáveis por colecções com significado histórico onde sempre existem algumas peças de valor especial que urge salvar. Forais em pergaminho tornaram-se bastante comuns. Outorgados muitos por volta de 1500, aproximam-se do 5º centenário a requerer atenção especial! Mas também documentos em papel, avulso, em códice ou livro, a solicitarem intervenções totais com ou sem encadernação: pautas musicais, documentos testemunhando a antiguidade desta ou daquela vila, registos de encomendas fabris, documentos de carácter religioso. Evidentemente que a Biblioteca Nacional gera as suas próprias receitas desta forma mas, muito para além deste aspecto mercantilista, o que a Biblioteca Nacional tem vindo a conseguir é sensibilizar colegas, autarcas, gestores para

* Biblioteca Nacional de Portugal.

um trabalho rigoroso e de qualidade em matéria de conservação e restauro desfazendo a ideia de que estas intervenções podem ser feitas por qualquer um. De forma pouco habitual, o que a Biblioteca Nacional tem conseguido é estender a sua influência normativa a espaços e lugares onde os decretos teriam sentido dificuldades de implementação.

Em meados de 2004 começou a falar-se da hipótese do manuscrito do *Amor de Perdição* vir até Lisboa. Foi o Prof. Ivo de Castro (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) que nos procurou e indagou do nosso interesse em tal tarefa. Ao princípio pareceu-nos um pouco complicado assumir um compromisso sem ver o manuscrito embora nos inclinássemos para uma resposta positiva por parte da Biblioteca Nacional: o manuscrito é uma peça fundamental do romantismo literário português, uma peça de leitura obrigatória durante gerações no ensino secundário. A proposta de trabalho buliu imediatamente connosco: parecia uma proposta justa, uma espécie de compensação em troca da sua perda, uma oportunidade de contribuir com o melhor de nós próprios para um documento que apesar da cidadania brasileira adquirida continua a ser reconhecidamente português.

Qual seria o seu estado de conservação? Que tipo de papel estaria à nossa espera? E a tinta, teria ela afectado o papel? Seria ácida, solúvel? Que tipo de intervenção é que poderíamos fazer? Conseguir resposta a todas estas questões era muito importante por aquilo que elas envolviam de opções técnicas mas também porque tendo a intervenção um custo, qualquer orçamento podia falhar completamente e isso seria muito embaraçoso.

Em que consiste o trabalho, então? Qualquer trabalho de conservação e restauro começa pela *avaliação da peça em causa*. Neste caso concreto, esta avaliação e diagnóstico foram feitos de forma *sui generis* só admissível quando existe uma grande confiança entre as partes, no caso concreto entre o dono da obra – o Real Gabinete – e a organização que garantiria a intervenção, isto é, a Biblioteca Nacional na circunstância. De facto, todo o trabalho de avaliação e diagnóstico foi feito através das imagens captadas pelo Prof. Ivo Castro e transportadas até Lisboa num CD. Tivemos absolutamente que confiar nas imagens e na descrição que o Prof. Ivo Castro nos fez. Tínhamos a descrição física sobre as dimensões e o número de fólios, o aspecto geral. Com estes elementos foi feito um diagnóstico, sugerido um tratamento, feito o cálculo do tempo que esse tratamento demoraria e ainda o tipo de acondicionamento que se realizaria uma vez terminado o tratamento. Com estes dados na mão, comunicámos ao Real Gabinete o valor que a operação custaria e o tempo necessário para execução da mesma. Estamos então no final de 2004, princípios de 2005 e o

Real Gabinete comunica oficialmente à Biblioteca Nacional que aceita o diagnóstico, a proposta de tratamento e o orçamento, etapa imprescindível para se acordar e calendarizar a intervenção de conservação e restauro proposta. O manuscrito entrou na Biblioteca Nacional no final de Maio de 2005 com uma meta definida: deveria estar de volta ao Rio de Janeiro em Abril de 2006. Antes de seguir para S. Miguel de Seide, onde decorreria um encontro camiliano, o manuscrito é exposto na Biblioteca Nacional por três ou quatro dias. Uma pequena mostra bibliográfica com exemplar da primeira edição, edições ilustradas, edição facsimilada brasileira. Tratou-se de render homenagem ao filho pródigo e, parafraseando o Prof. Ivo Castro, *regressado para tratamento e para recolher mostras de apreço e saudade* como outrora acontecia com os emigrantes enriquecidos. O tratamento do manuscrito começou no Outono de 2005 e foi dado por concluído em Fevereiro seguinte; o manuscrito já na forma e no acondicionamento que exhibe, foi apenas mostrado ao Dr. Jorge Sampaio numa última visita à Biblioteca Nacional como Presidente da República no dia 1 de Março.

2. Informação de carácter técnico

O manuscrito em si:

Não tinha *encadernação*. Estava colocado numa pasta a imitar uma encadernação mas à qual os cadernos que constituem o manuscrito não estavam presos. Esta pasta não revela sinais de alguma vez ter sido presa aos cadernos. A pasta é em pele, com gravações a dourado, forrada com papel marmoreado. Obviamente o objectivo desta capa foi a de proteger o conjunto dos fólhos.

O corpo do livro:

É constituído por 320 fólhos e é mais um maço do que um livro já que os cadernos não estavam presos uns aos outros. Alguns bifólhos centrais revelam vestígios de terem estado presos entre si mas sem nunca formarem verdadeiramente um bloco de texto.

Acondicionamento:

O manuscrito esteve guardado numa caixa de metal. A escolha não foi adequada e o papel do manuscrito acabou por ceder. Amareleceu, ficou mais frágil. A ter continuado na caixa de metal teria conhecido muito depressa os seus últimos dias. A tinta ácida utilizada por Camilo, a fraca qualidade do papel utilizado e o intenso manuseamento, foram elementos que não foram

positivos na conservação do manuscrito. Se juntarmos a estas características, as condições ambiente – certamente com elevados valores de temperatura e de humidade – o manuscrito foi progressivamente ficando mais fragilizado. Como sempre acontece, este tipo de deterioração e envelhecimento são mais visíveis nos primeiros e últimos fólios tendo chegado mesmo ao ponto de faltarem pedaços de papel. Apesar destas condições e características adversas, a leitura do manuscrito não ficou ameaçada uma vez que o autor optou por escrever apenas de um lado do papel.

O tratamento:

O tratamento efectuado teve como objectivo devolver ao documento a estabilidade físico-química do papel na perspectiva de estancar o processo de degradação do papel e de corrosão provocado pela acidez da tinta. Uma vez tratado o papel procedeu-se à reunião dos bifólios como os vestígios documentais indicavam que devia voltar a ficar apenas com uma pequena alteração no sítio de furar o papel para evitar rasgões futuros. Procurou ganhar-se em solidez para que o manuseamento não coloque em risco o manuscrito. Uma vez o manuscrito tratado, foi envolvido em papel de fabrico manual e amorosamente atado com um fitilho de seda rosa. A conservação do património faz-se também destes pormenores e não apenas de tecnologia ou rigores laboratoriais! No final, o manuscrito foi colocado numa caixa com características de conservação, feita ao tamanho e ao estilo da época, feita sobretudo a pensar que, de agora até à eternidade, o manuscrito deve repousar deitado. Na parte interior da caixa, colocámos uma pequeníssima nota dando indicações de como manusear o manuscrito.

3. Nós e o nosso património

O manuscrito do *Amor de Perdição* independentemente da sua localização geográfica, no dia de hoje como no futuro, é património português. Carrega com ele todo o afecto, toda a história, em que nos reconhecemos e enquadrámos. Este manuscrito não se perfila de uma maneira diferente doutro qualquer manuscrito; acontece, porém, que é do *Amor de Perdição* que falamos. Um manuscrito ou a peça original, aquela de que vamos cuidando de forma transitória e que legamos certos do seu valor quase mágico. Pouco importa que o manuscrito tenha sido transcrito e impresso. É o original que nos liga directamente a uma época que acabou, ligando-nos assim aos nossos antepassados. Este significado misterioso e sagrado faz da conservação e restauro

muito mais do que um mero exercício de destreza científica. Importa que cada técnico de conservação tenha uma percepção clara de que o seu trabalho não se confina à bancada; de que o impacto do seu trabalho é enorme porque, um gesto mal projectado, pode arruinar o elo que nos liga ao passado. Esta missão, esta responsabilidade é inculcada no espírito dos técnicos de conservação desde os seus primeiros passos num laboratório e importa que nunca mais seja esquecida. Os livros, as fotografias, as gravuras, os manuscritos não podem ser olhados e manuseados apenas como objectos físicos, tridimensionais. A conservação e restauro para alcançarem o respeito que lhes prestamos mantêm esta ligação preferencial à cultura e ao património recorrendo à ferramenta científica como um meio, não como um fim. Por isso não sentimos como exagero os gestos extremos que dedicamos ao manuscrito *Amor de Perdição*.